



## A INFERIORIZAÇÃO DO OUTRO E O ENTRE/LUGAR: UMA NOVA PERSPECTIVA EM EL PAÍS DE LA CANELA

Francelina Barreto de Abreu  
Universidade Federal do Pará – UFPA

214

**Resumo:** Este trabalho tem como objeto de investigação a obra contemporânea *El país de la canela* (2008), do escritor colombiano William Ospina. A narrativa compõe a segunda parte da trilogia que conta ainda com *Ursúa* (2005) e *La serpiente sin ojos* (2012). O romance apresenta a temática de invasão e conquista da América, mas especificamente sobre a colonização da Colômbia. Neste sentido, este texto se propõe, fundamentado nos estudos de Walter Mignolo e Anibal Quijano, refletir sobre as relações de dominação e poder estabelecidas no contato entre colonizador e colonizado, assim como, demonstrar como ocorre o processo de inferiorização do outro a partir da noção de raças, descritas no romance pela figura do narrador apresentado na condição de mestiço. A discussão torna-se relevante pois evidencia o processo de imposição da cultura dominante, assim como, o silenciamento que caracterizou todo o período colonial. A proposta estende-se em deixar clara a relação com os estudos decoloniais, uma vez que, Ospina dá voz aos grupos sociais que foram deixados a margem ou excluídos do relato oficial apresentando um novo olhar sobre o processo de conquista da América.

**Palavras Chaves:** entre/lugar; inferiorização do outro; estudos decoloniais.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objeto de investigación la obra contemporánea *El país de la canela* (2008), del escritor colombiano William Ospina. La narrativa compone la segunda parte de la trilogía de invasión y conquista de la América, específicamente sobre la colonización de Colombia. En este sentido, este texto se propone, fundamentado en los estudios de Walter Mignolo y Anibal Quijano, hacer una reflexión sobre las relaciones de dominación y poder establecidas en el contacto entre colonizador y colonizado, así como, demostrar como ocurre el proceso de inferioridad del otro a partir de la noción de razas, descritas en el romance por la figura del narrador presentado en la condición de mestizo. La discusión se vuelve relevante pues evidencia el proceso de imposición de la cultura dominante, así como, el silenciamiento característico de todo el periodo colonial. La propuesta se extiende en dejar clara la relación con los estudios descolonizadores, una vez que, Ospina da voz a los grupos sociales dejados a margen o excluidos del relato oficial presentando un nuevo mirar a cerca de la Conquista de América.

**Palabras Claves:** Entre/lugar. Inferioridad del otro. Estudios descolonizadores.

### Introdução



A obra *El país de la canela* (2008) do escritor colombiano William Ospina objeto desta investigação faz parte de uma trilogia que teve seu primeiro livro publicado em 2005 com o título de *Ursúa*, e o terceiro livro *La serpiente sin ojos* em 2012. A trilogia apresentada por um narrador personagem anônimo, que se descreve na condição de mestiço, apresenta a narrativa de aventuras, conflitos e confrontos vivenciados ora pelo protagonista Ursúa, ora pelas próprias experiências do narrador na expedição que participou com Francisco Orelhana e Gonzalo Pizarro, expedição esta que culminou com a descoberta de um dos maiores rios do mundo, o Amazonas, e com o sacrifício de tribos inteiras como apresentaremos adiante ao discutir a inferiorização do outro.

Antes de adentrarmos no segundo romance, que tem como personagem central o narrador, é pertinente que se compreenda o contexto em que são escritos os romances, melhor dito, o período histórico que serve de cenário para o desenrolar do enredo. As narrativas envolvem as aventuras primeiras do narrador que em sua juventude na tentativa de reclamar a herança paterna participou da expedição de Orelhana em *El país de la Canela* (2008), e em *Ursúa* (2005) e *La serpiente sin ojos* (2012), já com uma certa idade temos, anos mais tarde, a viagem rumo a El dorado com seu amigo Ursúa.

Em *El país de la canela* (2008) as figuras históricas passam por uma reinvenção e ou reescrita de suas histórias e façanhas. A obra faz referência a períodos e personagens que em sua maioria existiram e estão presentes nos relatos oficiais envolvidas em aventuras do descobrimento e conquista da América.

Assim, a literatura contemporânea latino-americana, representada pelo romance em questão, dedica-se a contrapor os padrões clássicos literários, fica claro que na literatura assim como na sociedade atual há uma tentativa cada vez mais evidente de valorização da realidade latina, autores como Ospina demonstram essa inquietação ao escrever sobre o inferiorizado, o esquecido, o que foi deixado a margem da história oficial. Ainda sobre a história oficial a professora Prestes



esclarece a perspectiva que esta ciência apresenta e os interesses escondidos por trás do discurso.

Numa sociedade atravessada, e movida, por conflitos sociais, ou seja, numa sociedade onde há explorados e exploradores, onde há, portanto, classes antagônicas, a História é sempre uma construção que reflete os interesses dos grupos sociais dominantes, que controlam os meios de comunicação. (PRESTES, 2010, p. 92)

216

E por muito tempo se disseminou que os acontecimentos apresentados pela História oficial continham a verdade absoluta. Atualmente, é evidente como a grande massa social ainda acredita na versão apresentada por aqueles que detêm o poder sobre contar os fatos. Se observarmos a história nacional brasileira a ditadura militar é um exemplo evidente e hoje compreendemos isso claramente, no entanto, a história foi distorcida, muitos dos acontecimentos foram omitidos e por muito tempo a sociedade acreditou que os militares estavam fazendo o melhor pela população brasileira. Assim como, do outro lado, os grupos de resistência foram incompreendidos pela massa. Deste modo, Rossi esclarece que “A história é um jogo de revelação e encobrimento, de manifestação e ocultação” (ROSSI, 2010, p. 19) O papel da literatura nesse cenário é de revolta e resistência, como sempre ao longo do tempo ela é uma ferramenta que contrapõe o discurso oficial e reescreve a história.

No romance objeto deste trabalho temos um protagonista personagem histórico pouco conhecido antes da trilogia nos documentos históricos foi deixado a margem dos grandes conquistadores descrito como um jovem espanhol que perdeu a vida assassinado por seus subordinados, umas poucas palavras se observarmos os romances que descrevem os “heróis históricos”. Em Ursúa (2005) e em La serpiente sin ojos (2012) temos sua trajetória desde a infância até seu assassinato descrita visando desconstruir o relato histórico, nos deparamos com a figura de um derrotado que agora se transforma em protagonista. E o segundo ponto que merece ênfase na análise é a personagem do narrador, a voz portadora das memórias se descreve como mestiço. A análise avança no caminho literário, uma vez que, o



romance apresenta características de uma vertente literária contemporânea o Novo Romance Histórico Latino Americano (doravante NRHLA).

As “visões” perpetradas nessa perspectiva eurocêntrica oficial, registros tidos como fontes históricas, são, entre outros, fator relevante para a produção literária no âmbito do romance histórico latino-americano, especialmente no tocante às obras que se referem às releituras dos períodos do descobrimento, da conquista e da colonização. A visão unilateral dos registros efetuados pelos cronistas e colonizadores europeus ganha novas perspectivas nas obras dos romancistas históricos latino-americanos. Estes buscam desterritorializar o espaço imaginário que foi territorializado pela escrita eurocêntrica, assim como foi o espaço geográfico, e, pelas releituras críticas da história, empreendem a reterritorialização desse espaço com perspectivas do passado no qual o protagonismo não se restrinja aos “heróis sacralizados” pelo discurso historiográfico hegemônico, territorialista e excludente, mas evidencia também a experiência das margens, das vozes silenciadas, das comunidades e dos sujeitos propositalmente negligenciados nos relatos oficiais. Nessas escritas híbridas críticas, o discurso historiográfico é, em grande parte, abertamente contestado na busca de mostrar outros ângulos dos fatos registrados pela escrita europeia da época e, finalmente, dar voz aos vencidos. (FLECK, 2017, p. 57)

217

Em *El país de la canela* (2008) percebemos a quebra da dicotomia apresentada por Fleck. Primeiro encontramos a reflexão sobre a territorialização do espaço geográfico, Ursúa toma posse das terras em nome da coroa espanhola, assim como Colombo ao chegar no novo continente com a imposição do uso do termo “Conquista da América”. Em segundo lugar, a territorialização da visão sobre a América, a escrita nos primeiros séculos realizada por estrangeiros sobre a região inferiorizava os nativos além de apresentar os “heróis” europeus conquistando tribos e vencendo batalhas fantásticas.

As vozes dos romances nunca apresentavam a perspectiva do índio ou do mestiço, estes não protagonizavam romances. Na obra de Ospina (2008) temos essa ruptura exposta por meio da narrativa do narrador mestiço, que conta as desventuras de um europeu derrotado, e no segundo livro, assume o protagonismo da obra ao demonstrar suas aventuras no “novo mundo”.

Os estudos de Anibal Quijano (2002) demonstram o ponto de partida de todo esse “preconceito” instaurado no continente direcionado para aqueles considerados



inferiores pelo pensamento europeu de superioridade racial, o autor explica quando esse pensamento teve início no continente.

Na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. (QUIJANO, 2002, p.118)

218

A perspectiva apresentada por Quijano contrapõe a crença de que o estabelecimento da ideia de raças superiores e inferiores tenha sido instaurado na Europa, o autor deixa claro em seu estudo que esse pensamento se constituiu do contato entre europeus, índios e negros na América e, a partir de então, foi disseminado para os outros países. Deste modo, a imagem que prevalece até os dias atuais de que os europeus são por natureza “superiores” a qualquer raça e tudo o que vem da Europa tem uma aceitação imediata pela sociedade advém desse contato instituído e da imagem alimentada ao longo do tempo.

Em *El país de la Canela* (2008) temos um romance de aventuras e batalhas que permite ao leitor uma visão crítica da dominação espanhola ao apresentar os dois lados da moeda primeiro relata as conquistas iniciais de Ursúa, dos irmãos Pizarros, e ao mesmo tempo desmistifica os personagens apresentando seus fracassos, medos e dúvidas. É importante destacar ainda, que a obra foi escrita a menos de uma década e tem como pano de fundo o período colonial, ou seja, cerca de pouco mais de cinco séculos, uma das marcas do Novo Romance Histórico Latino Americano que tem como características principal obras que se libertam da colonização do discurso imposta por séculos pelos europeus e agora adquirem suas próprias marcas tornando-se literatura nova, livre e autêntica.

Assim como na literatura, na história dos países da América a luta pela independência foi alcançada com muito sacrifício e o processo de libertação teve



seus primeiros passos no início do período de colonização. Na literatura levou um pouco mais de tempo como já mencionado. O professor Fleck, em seu livro *O romance moderno de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo- releituras críticas da história pela ficção* (2017), deixa claro que a territorialização se deu também no âmbito ideológico e discursivo. A emancipação vem se consolidando aos poucos, primeiro com o modernismo de Ruben Dario e José Martin, seguido do Boom, Pós-Boom e agora com maior liberdade por meio do Novo Romance Histórico Latino-americano.

Temos, então, uma literatura com características próprias, com personagens outros, e ou ainda os mesmos mais descritos de uma forma nova que se apresentam ao expectador como resposta satisfatória aos ocultamentos da história. Descrever o nativo, na perspectiva do verdadeiro herói que superou a dominação como aquele se libertou das amarras da escravidão, do massacre, do silêncio imposto historicamente pelo dominador, é a forma que a literatura encontrou de remediar as injustiças do discurso oficial. Neste sentido, o Novo Romance Histórico Latino Americano vem descrevendo a América e os americanos atribuindo-lhes o devido respeito usurpado historicamente.

O NRHLA permite a desconstrução da história fazendo com que “los héroes inmortalizados en mármol o bronce, descenden de sus pedestales para recobrar su perdida condición humana” (AÍNSA, 2003, p.11). Segundo Menton (1993), este novo olhar dos escritores com relação aos acontecimentos históricos, possibilita que se mesquem fatos e personagens reais e fictícios. O objetivo destas obras não será de criar uma nova narrativa histórica e/ou do descobrimento, mas, apresentar outra perspectiva das mesmas. Nas palavras de Soldatic (2012, p.117):

No cabe duda que la historia de América Latina todavía tiene muchos puntos por aclarar. Estos espacios vacíos intentan rellenarlos los escritores, a los cuales no se les puede negar el derecho de acudir a la imaginación, que es la esencia de su arte. Mientras la historia está escrita por las clases dominantes y por los vencedores, la única manera para expresar unos puntos de vista distintos y unas opiniones diferentes a fin de dismantelar el discurso oficial es la de escribir novelas.



A desconstrução do personagem Ursúa acontece na narrativa como redenção, a literatura propicia que sua trajetória seja reconhecida contrapondo o discurso historiográfico, as narrativas no contexto latino-americano contemporâneo já não são mais contadas pelo viés ideológico europeu, os derrotados recebem voz no romance pela figura do narrador, o grande portador das memórias que apresenta a perspectiva dos dominados.

220

### História e Ficção: a reescrita da história

Não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso e prosa [...], diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam e o outro, as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e está o particular. Por referir-se ao universal entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes às suas personagens. (ARISTÓTELES, 1973, p.443)

A relação entre História e ficção merece atenção, uma vez que, estamos analisando um romance que tem como pano de fundo o período histórico da conquista da América. Assim, na busca por melhor entender a relação entre memória e história ou ainda entre o papel do historiador e do poeta ao analisar o fato histórico, Aristóteles em sua Poética, busca demonstrar em que se diferenciam os dois ofícios ou ainda no que se assemelham. Segundo o autor, as memórias dos fatos históricos tratadas pelas mãos do historiador são lapidadas na tentativa de se aproximar da realidade do que de fato aconteceu, no entanto, é o poeta que na sua forma de apresentar as possibilidades melhor trabalha o objeto. Deste modo, há uma proximidade da realidade tanto particular como universal o que melhor toca ao ser humano e, portanto, desperta maior interesse pelos acontecimentos lhe permitindo viajar na criação literária.

Neste texto, com um olhar direcionado a produção literária latino-americana contemporânea, mas especificamente sobre o Novo Romance Histórico Latino-



americano propomos uma aproximação, diria em palavras mais adequadas, uma apropriação do material histórico disponibilizado pelo historiador, representado pela Crônica de Frei Gaspar de Carvajal para a reescrita das aventuras e porque não desventuras dos personagens da obra de William Ospina.

Não desconsideramos em nenhum momento as particularidades das duas ciências História e Literatura, que como afirma o professor Fleck (2017) seguiram caminhando juntas ao longo de muitos séculos, e sim mais uma vez, nos apropriaremos dos múltiplos benefícios que a união das mesmas possibilita para melhor entender o NRHLA, e sua principal característica reescrever a história com o intuito de recobrar a moral perdida e dar as respostas que ficaram pendentes aos latinos ao longo dos séculos de dominação e exploração dos europeus por meio de uma literatura nova e com traços indenitários particulares.

Nesta proposta, a Literatura se apropria do fato histórico para desconstruir verdades e estabelecer relações de identificação com os personagens reais e fictícios que ganham vida nos romances e se aproximam dos leitores, pois permitem que o espectador se identifique com a história, as conquistas e fracassos causam essa aproximação.

Afinal, a literatura aqui representada pelo romance *El país de la Canela* (2008), é uma prova de que as marcas do período de dominação espanhola na Colômbia e Peru ainda seguem muito presentes na memória coletiva atual. As memórias dos grupos deixados à margem dos discursos “oficiais históricos” recebem na literatura a voz que foi silenciada historicamente. Raças como: os índios e mestiços mantêm suas memórias vivas nos grupos sociais que fazem parte. Atualmente, a partir das obras literárias dos últimos anos passam a se verem representados nos romances.

### **A inferiorização do outro e a noção de raça.**

Na obra a inferiorização do outro se dá por meio das figuras do narrador mestiço e também dos índios. Iniciamos com a perspectiva do narrador, ao relatar o





falecimento do pai e por acreditar estar sozinho no mundo considerando que sua mãe também espanhola havia morrido no parto. Amaney, a índia que criou o personagem desde a infância, na tentativa de ajudar o rapaz revela que na verdade ela é sua mãe tentando trazer a alegria do jovem de volta. O que acontece na narrativa em seguida é o contrário.

222

Amaney se animó en contarme algo que me pareció enrevesado y absurdo. Según ella, la dama de blanco, la esposa de mi padre (...) no era mi madre; mi madre verdadera era ella misma: la india de piel oscura, que había aceptado desde el comienzo fingirse mi nodriza para que yo pudiera ser reconocido sin sombras como hijo de españoles por la administración imperial.

¿Esperaba que yo me consolara con ello? La muerte de mi padre ya era suficiente desgracia y esta revelación tan increíble como inoportuna sólo podía ser una astucia de la criada para tener parte en el destino familiar. (...) Toda mi infancia la había querido como una madre: bastó que pretendiera serlo de verdad para que mi devoción se transformara en algo cercano al desprecio. De creerle, su relato me había impuesto además una inmanejable condición de mestizo, a mí, crecido en el orgullo de ser blanco y de ser español. (OSPINA, 2008, p.12)

Ao descobrir a origem mestiça, o personagem revela toda a negatividade que o “ser mestiço” representava naquela sociedade. O próprio narrador revela-se preconceituoso ao afirmar “su relato me había impuesto además una inmanejable condición de mestizo, a mí, crecido em el orgullo de ser blanco y de ser español.” (Ospina, 2008, p.12). A afirmativa torna evidente que ser espanhol é “melhor” que ser classificado como mestiço. O personagem buscava neste momento da narrativa reclamar a herança do pai e tornar pública sua condição racial significava dar como perdida a fortuna.

Nuevas identidades fueron creadas en el contexto de la colonización europea en las Américas: europeo, blanco, indio, negro y mestizo, para nombrar sólo las más frecuentes y obvias. Un rasgo característico de este tipo de clasificación social consiste en que la relación entre sujetos no es horizontal sino vertical. Esto es, algunas identidades denotan superioridad sobre otras. Y tal grado de superioridad se justifica en relación con los grados de humanidad atribuidos a las identidades en cuestión. En términos generales, entre más clara sea la piel de uno, más cerca se estará de representar el ideal de una humanidad completa. (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 132)



Foi estabelecido no continente uma classificação vertical das raças, em outras palavras a raça mais clara será superior a outra e tal denominação se aplicou por meio da cor da pele. No romance, quando o narrador descreve Amaney afirma: “la india de piel oscura” (OSPINA, 2008, p. 12), de acordo com os estudos de Maldonado (2007) podemos subentender que a índia não tem humanidade e a postura adotada pelo narrador ao afastar-se dela comprova esse pensamento.

O preconceito sofrido por esta raça considerada inferior pela cor fez com que o narrador não apenas negasse assumir que era filho de pai espanhol e mãe índia, como também, se afastasse definitivamente da mãe índia. Transformando-a em mera criada em suas próprias palavras “Yo no había tenido el corazón de apártala de mi casa, pero dejé que se replegara a la condición de sierva ya sin privilegios.” (OSPINA, 2008, p.12) esta afirmação deixa claro o papel e a posição vertical de cada raça na sociedade colonial do período.

A codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. (QUIJANO, 2000, p.117)

A partir da difusão dessa linha de pensamento onde a pele mais escura é classificada como menos humana a postura dos europeus diante de todas as outras raças de pele mais escura era de que deveriam ser conquistadas, escravizadas e massacradas. E se ousarmos um pouco mais e observarmos outra vez os estudos de Maldonado relacionado ao pensamento medieval sobre os derrotados em guerra observamos que os europeus aplicaram esse raciocínio para com os nativos e africanos.

En el mundo antiguo y en el medioevo la esclavitud era legítima, particularmente con respecto a los vencidos en guerra. Lo que ocurrió en las Américas no fue sólo la aplicación de esa ética, sino una transformación y naturalización de la no-ética de la guerra, llevada hasta el punto de producir una realidad definida por la condena. El colonialismo moderno puede entenderse como condena o vida en el infierno, caracterizada por la



naturalización de la esclavitud, ahora justificada en relación con la constitución biológica y ontológica de sujetos y pueblos, y no solamente por sus creencias. (MALDONADO-TORRES, 2007, p 137)

Assim, a imposição da escravidão aos nativos derrotados nos conflitos com os europeus foi natural pela perspectiva europeia, pois os “derrotados em guerra” mereciam ser tomados como escravos e servos, o que esta postura impôs aos nativos foi a condenação, e como o próprio Maldonado afirma, no fragmento acima a condenação a uma vida no inferno. Sua pele escura somada as derrotas nos confrontos armados lhes tornavam duas vezes mais inferiores que os espanhóis.

224

Desde entonces, en las relaciones intersubjetivas y en las prácticas sociales del poder, quedó formada, de una parte la idea de que los no-europeos tienen una estructura biológica, no solamente diferente de la de los europeos, sino, sobre todo, perteneciente a un tipo o a un nivel “inferior”. (QUIJANO, 1992)

Tudo isso para explicar a postura de um narrador mestiço que tinha plena consciência das imposições de uma sociedade estabelecida pelas diferenças, onde a imposição do poder do dominante se fez justificar pelas derrotas de tribos que não possuíam o armamento adequado para resistir a chegada dos dominadores e por sofrerem derrotas lhes foi atribuída a escravidão e o estabelecimento do ideal de que as raças de cor mais escuras são por natureza menos humanas e portanto passíveis de sacrifício e exploração.

Seguindo a cronologia de El país de la Canela (2008) observamos que em um dado momento da narrativa o personagem narrador passa por conflitos indenitários, melhor dito, ao se deparar com a violência e brutalidade dos dominadores europeus para com os índios escravizados na busca do país da canela ocorre uma crise indenitária, pois ele participa da expedição como espanhol, dado que não se revelou como mestiço oficialmente e ao mesmo tempo está diante do sofrimento de uma raça que em certo sentido também é a sua. O que se comprova no seguinte fragmento “Pizarro no empezó a matar a los perros para alimentar a los indios sino empezó a matar a los indios para alimentar a los perros.” (OSPINA, 2008 P. 100) A



narrativa segue demonstrando que a crueldade não tinha limite. “De los cuatro mil indios que habían salido con nosotros en aquella campaña, una parte se la entregó a los perros, y a muchos otros los quemó junto a los falsos caneleros que hallaron. (OSPINA, 2008, p. 102) A facilidade com que Pizarro se desfez de quatro mil índios transformam a viagem em massacre e as marcas do horror estão por todo o caminho.

225

Yo he visto todas las cosas horribles, pero esa imagen fue suficiente para llenar muchos sueños de aquellos días, y allí sentí por primera vez una fatiga insoportable, un malestar de tener cuerpo, de no poder detener la locura, de estar sin remedio donde estaba, viendo lo que veía, porque todos estábamos atrapados en una cárcel de árboles y de agua, rodeados de bestias y a la vez obligados a serlo, cohonestando con todas las demencias en el vago proyecto de sobrevivir. (OSPINA, 2008, p. 102)

A pesar da identificação com os índios e mesmo diante de todo o sofrimento o narrador não assume uma postura radical, ao contrário, mesmo assustado e emocionalmente tocado ao presenciar tamanha crueldade se mantém neutro. Torna-se perceptível então, que o narrador se encontra no “entre-lugar” não é mais espanhol, pois tem a mescla no sangue, e neste sentido, não concorda com tamanha violência e ao mesmo tempo, tão pouco, se aceita como índio, uma vez que, tal autoafirmação impunha o preconceito, a rejeição que a condição de mestiço trazia consigo.

A segunda perspectiva de inferiorização do outro no processo de imposição da cultura europeia como já mencionado acima está representada pelos indígenas. A violência a qual foram submetidos demonstra que “la actitud imperial promueve una actitud fundamentalmente genocida con respecto a sujetos colonizados y racializados. Ella se encarga de identificar a sujetos coloniales y racializados como dispensables.” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 136) Assim se comprova que “ya no será la agresión o la oposición de enemigos, sino la “raza”, lo que justifique, ya no la temporal, sino la perpetua servidumbre, esclavitud y violación corporal de los sujetos racializados” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 142)



Em síntese, observamos que no romance contemporâneo *El país de la Canela* (2008) o narrador como portador das memórias de conquistas e fracassos da narrativa por meio de seus relatos possibilita uma nova visão tanto sobre personagens históricos como também abre margem a uma discursão de cunho etno-racial. Uma vez que, a ideia de superioridade e inferioridade de raças se instituiu no continente para em seguida se disseminar pelo mundo.

A cor da pele torna-se o fator determinante ao classificar o humano e o desumano, quanto mais clara a cor da pele mais próximo da humanidade o ser estaria. O contraste se estabelece e torna irônico tal raciocínio, considerando que as piores atrocidades e violências no território americano sempre foram cometidas pelo europeu de pele clara. A relação com o cristianismo e seus ideais são mantidas pois os derrotados em guerras justas merecem sofrer com a escravidão transformados em eternos servos, sempre subalternos, de segunda classe e todas as demais denominações disponíveis.

## Considerações Finais

No sentido de concluir as reflexões sobre a referida obra, nos deparamos com uma narrativa caracterizada como Novo Romance Histórico Latino Americano, que destoa dos romances clássicos ao dar voz ao silenciado, o esquecido, o subalterno. O que contrapõe o discurso histórico que sempre apresentou a história dos vencedores.

Portanto, a Literatura contemporânea representada pelo romance *El país de la Canela* (2008) se caracteriza como o elemento que permite a desconstrução do discurso historiográfico permitindo uma ampla visão do processo de colonização Americana. Esta nova Literatura denominada de NRHLA por Menton (1993) dá voz aos marginalizados do período de dominação, que teve início com a chegada dos espanhóis na América. A visão de superioridade racial instituída pelo contato entre



índios, negros, mestiços e brancos presente no romance propiciou essa reflexão sobre os padrões de poder vigentes e os papéis dos envolvidos no processo.

A inferiorização das raças de cor escura e a justificativa para a imposição da escravidão e servidão apontam para os reais desumanos da história. A atitude genocida e a dispensabilidade dos povos locais não justificam tamanha crueldade. De tudo que foi exposto, concluímos que teve início o processo de libertação da América, libertação esta que vai além do território, pois isso já havia sido alcançado a muitos anos, mas a partir da Literatura temos a libertação das amarras ideológicas que perduraram por muito tempo.

227

## Referências Bibliográficas

AÍNSA, Fernando. *Reescribir el pasado*. Venezuela: Editorial Cerlag. 2003.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1976, Coleção Os Pensadores.

FLECK, Gilmei F. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.

MALDONADO-TORRES, Nelson. 2007. "Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto". En: Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (eds.), *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. pp. 127-167. Bogotá: Iesco-Pensar-Siglo del Hombre Editores.

MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

SOLDATIC, Dalibor. (Universidad de Belgrado, Facultad de Filología, Serbia). *Novela hispanoamericana e Historia*. Colindancias (Timisoara), n. 3 p. 117-121, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5249304.pdf>. Acesso em: 08 de junho de 2016.

QUIJANO, Aníbal. 2000. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. Edgardo Lander (ed.), *La Colonialidad del saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales*.



Perspectivas Latinoamericanas. pp. 201-245. Caracas: Clasco.

OSPINA, William. *El país de la canela*. Bogotá, Colombia: grupo editorial norma. 2008.

\_\_\_\_\_. *Ursúa*. Bogotá, Colombia: Alfaguara. 2005.

\_\_\_\_\_. *La serpiente sin ojos*. Barcelona, Mondadori, 2012.

PRESTES, Anita Leocadia. *O historiador perante a história oficial*. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Londrina, v. 1, n. 2, p. 91-96; jan. 2010.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo, Editora Unesp: 2010.